

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO
INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDO E PESQUISA
DO IMAGINÁRIO
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVII
VOLUME 27
(JUL-DEZ)
2017
P. 296-314.

A INTERPRETAÇÃO ISLÂMICA PELO ESTADO ISLÂMICO

Carlos Vítor Uchôa de Souzaⁱ

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

Marcos Vinicius de Freitas Reisⁱⁱ

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de compreender a organização islâmica autodeclarada Estado Islâmico. Buscamos entender como foi construído, historicamente, a visão que esta organização tem da sociedade ocidental. Faremos uma análise dos discursos fundamentada na noção de Orientalismo, de *Edward Said*. A primeira parte traz uma discussão acerca da importância do estudo da religião dentro das relações internacionais. A segunda parte explana os aspectos sociais e históricos sobre o surgimento da religião islâmica, estando este surgimento inserido no cenário histórico da construção do Oriente a partir de moldes culturais, científicos e sociais do mundo Ocidental. O terceiro tópico nos apresenta o surgimento do Estado Islâmico, sua atuação no mundo, e a visão que esse grupo construiu historicamente a respeito do Ocidente.

Palavra-chave: Islamismo; Estado Islâmico; Religião e Relações Internacionais.

ABSTRACT

This article aims to understand the Islamic self-declared Islamic organization. We seek to understand how historically the organization's vision of Western society has been constructed. We will make an analysis of the discourses grounded in Edward Said's notion of Orientalism. The first part discusses the importance of the study of religion within international relations. The second topic explores the social and historical aspects of the emergence of the Islamic religion. This emergence is part of the historical scenario of the construction of the East from the cultural, scientific and social forms of the Western world. The third topic presents the emergence of the Islamic State, its performance in the world, and the vision that this group has historically built on the West.

Keywords: Islam; Islamic State; religion and International Relations.

INTRODUÇÃO

A importância de compreender a Religião como objeto de estudo das Relações Internacionais tem se demonstrado no desenvolvimento das agendas internacionais dos países. Ela se apresenta como forte elemento de *Soft Power*ⁱⁱⁱ e de grande relevância e tem um papel social de unir várias pessoas coletivamente. É um fenômeno coletivo que cria um sistema de crenças e práticas sagradas e que segue um código moral capaz de coibir atos que fogem a este código. (Durkheim, 2008).

A tese de Peter Beger (2001) sobre a dessecularização^{iv} do mundo explica nosso momento histórico. Ele demonstra que o processo que vivemos na atualidade é o inverso do ocorrido durante o século XIX, quando a religião se afastou do raio de influência de várias esferas da vida sociedade, especialmente da esfera político administrativa. Atualmente a religião volta a ser fenômeno de grande influência nas interações políticas entre os países modificando totalmente a estrutura de poder no sistema internacional.

O islamismo, religião que mais ganha adeptos na atualidade, é uma das religiões que estão inseridas no centro da mais violenta guerra travada na atualidade, a guerra contra o terrorismo. Estudar o processo formação de grupos radicais islâmicos é o primeiro passo para compreendermos a causa dessas guerras que

assolam as sociedades e causam a morte de tantas pessoas que nunca tomaram parte em nenhum lado do conflito.

O Estado Islâmico é mundialmente conhecido pelos seus atentados contra as nações ocidentais que, historicamente, fizeram incursões e subjugaram as culturas orientais do oriente médio (Said, 2007). A premeditação da decisão de cometer atos de terror^v de forma a alcançar objetivos políticos através da violência, ou simplesmente da ameaça de uso da violência, e da disseminação massiva de seus atos através da mídia, principalmente internet, são os principais.

Frente aos fatos elencados acima, nosso objetivo nesta pesquisa é tentar compreender como o grupo Estado Islâmico se vê inserido neste conflito Ocidente-Oriente, e como foi construída, historicamente, sua interpretação da religião islâmica, já que a visão que o grupo tem sobre essa religião é o principal objeto de justificação e legitimação da sua atuação.

Pretendemos analisar essa organização através uma base distante das estruturas orientalistas criadas e recriadas desde a antiguidade. Faremos, portanto, revisão bibliográfica dos moldes propostos por Edward Said em seu livro *Orientalismo* (2007) a fim de nos afastar de noções pré-estabelecidas sobre a cultura oriental, e iniciar nossa crítica a partir da realidade deste grupo.

O primeiro tópico do trabalho aborda o relacionamento entre Ocidente e Oriente, verificando os aspectos sócio históricos que

permearam essa relação e como ela criou um ambiente propício ao surgimento de grupos extremistas. No segundo tópico focamos no contato da religião islâmica com o mundo ocidental analisando o surgimento e principais divisões desta religião. Explanamos sobre os principais pontos doutrinários do islã e verificaremos sua presença e influência ao redor do mundo. Continuando, no terceiro tópico, discutimos especificamente sobre o grupo Estado Islâmico, seu crescimento, seus objetivos. Analisamos os conceitos dos principais teóricos doutrinadores bem como do líder deste grupo, *Abu Bakr Al Baghdadi*. Por fim traçaremos as considerações finais de nossa pesquisa.

1. O ORIENTALISMO

O primeiro passo que devemos dar para compreender o recorte teórico e histórico sob o qual essa pesquisa está aportada é compreender o que é a instituição denominada por Edward Said^{vi} como *Orientalismo*.

Começamos esta explicação com a citação do próprio autor, quando escreveu que esta instituição é tão autoritária “que ninguém que escrevesse, pensasse ou agisse sobre o Oriente poderia fazê-lo sem ter em conta as limitações em pensamento e ação imposta pelo Orientalismo. (Said, 2007). Essa afirmação resume e conclui todo o percurso histórico que o autor demonstra em seu livro. E é sob esta tese que nosso trabalho está ancorado.

Said argumenta que toda a hegemonia histórica e cultura do Ocidente, na qualidade de colonizador e ocupante opressor, ao longo dos últimos séculos, resultou na criação de um conceito ocidental do Oriente. Uma vez que essa relação entre Oriente e Ocidente é entendida como uma relação de dominação, Said notou que Europa, e posteriormente Estados Unidos da América, foram capazes de decidir o que é o Oriente, e através desta instituição denominada Orientalismo, legitimar e exportar esse pensamento através da ciência, artes, literatura. O que é preeminente sobre o Oriente não é a sua existência, mas o que é dito sobre ele.

Quando nos questionamos, por exemplo, por que temos noções preconcebidas sobre o oriente e sobre os orientais se nunca estivemos neste local ou mesmo sem conhecer alguém que vive imerso nessa cultura? O modo como obtivemos o conhecimento é totalmente parcial e historicamente construído através de representações distorcidas do que realmente são. Estas noções estão por toda a parte. Existe, por exemplo, a noção de que as mulheres orientais nasceram para serem objetos dos homens, ou ainda, que orientais são todos iguais, sendo do Egito, da Síria ou do Irã; a noção de que o desenvolvimento temporal do oriente está congelado e gerando uma ideia de estagnação e atraso em relação ao Ocidente também é outro estereótipo que exemplifica essa situação.

O Orientalismo afirma que existe uma grande distinção entre nós, ocidentais, e eles,

orientais. E que eles têm sido, historicamente, inferiores e atrasados em relação a nós simplesmente por não compartilharem os mesmos valores que acreditamos estarem corretos. Essa estereotipação é o final de um longo processo de desconstrução e construção do outro, colonizado, com o objetivo de legitimar a atuação do colonizador. Ele passa por um ponto central que é a aceitação, pelo colonizado, da imagem que o colonizador faz. Isso acontece porque é tirado, do colonizado, o poder da liberdade de escolha, e a única saída acaba sendo a aceitação do papel criado para si. Transformar o 'outro' num ser subalterno, representando a sua cultura como ruim ou pior em relação a cultura do 'eu', cria a ideia de que para melhorar, o colonizado deve buscar sempre ser igual ao colonizador. O resultado dessa atuação, numa cultura tão tradicional como a cultura oriental, não podia ser diferente de um cenário de conflito de identidade.

A construção do Orientalismo fez parte de um projeto maior dentro da expansão dos impérios britânicos e franceses. Ele não é produto do colonialismo, mas se expande com a empreitada colonialista europeia de 1815 a 1914. (Said, 2007). Essa criação ideológica da representação do oriente serviu aos impérios ocidentais como ferramenta de conquista ideológica. Era uma forma de, não somente entender os nativos, mas de controlá-los e subjuga-los. A conquista do Egito, feita por Napoleão em 1798, marca esse processo. Foi

uma expedição não somente com soldados, mas de cientistas, arquitetos, desenhistas, historiadores, cujo objetivo era desenvolver uma pesquisa científica sobre o oriente, mas que servisse apenas aos europeus.

Outros dois políticos ingleses são citados por Said como os precursores desse movimento de 'orientalização'. São eles Balfour e Cromer. Um dos discursos de Balfour, proferido na Câmara dos Comuns, é emblemático para exemplificar o projeto. Neste discurso ele fala sobre os problemas que Inglaterra enfrenta no Egito, tentando buscar apoio para o projeto de colonização inglês:

É uma boa coisa para essas grandes nações [Egito] - admito a grandeza delas - que esse governo absoluto seja exercido por nós? Acho que é uma boa coisa. Acho que a experiência demonstra que sob esse governo [governo inglês] elas tem um governo muito melhor que qualquer outro que tenham tido em toda a [sua] história, o que é um benefício não só para elas, como sem dúvida para o conjunto do Ocidente civilizado. Estamos no Egito não apenas pelo bem do Egito, apesar de estarmos lá para o bem deles; estamos lá também para o bem da Europa em geral. (Said, 2007, p. 43)

Said sistematizou o discurso de Balfour e ação da Inglaterra sobre o Egito da seguinte maneira:

“A Inglaterra conhece o Egito; o Egito é o que a Inglaterra conhece; a Inglaterra sabe que o Egito não pode ter autogoverno; a Inglaterra confirma esse conhecimento ocupando o Egito; o Egito é o que a Inglaterra ocupou e agora governa; o próprio Egito requer, até insistentemente, a ocupação britânica” (Said, 2007, p. 44)

Ele demonstra dessa maneira que o Egito não é encarado como um país, mas sim como uma categoria britânica. Egípcios não são encarados como pessoas capazes de se autogovernar, mas como coisas que preenchem um espaço geográfico ocupado pelo exército inglês.

Existe uma diferença no orientalismo executado por Ingleses e Franceses, para o orientalismo Americano liderado na atualidade. Os europeus tiveram experiências diretas de dominação no oriente médio. Os Americanos, no entanto, realizam seu projeto baseado em abstrações sobre a cultura oriental, e politizados através da criação do estado de Israel, judeu e ocidental, dentro de um oriente dominado por países como Arábia Saudita e Irã.

A instituição do Orientalismo tratou de criar uma imagem do Islã, baseada no principalmente em razão do medo promovido pela grande expansão militar e territorial dessa religião após a morte de Maomé em 632 (ARMSTRONG, 2009) e mesmo após a reconquista de várias áreas, europeus mantiveram essa imagem negativa da religião e dos Orientais. O islã passou a ser julgado como inimigo, inferior e atrasado.

Ernest Renan foi o orientalista responsável por solidificar o processo de superioridade europeia através da generalização e do subjugo das sociedades semitas (árabes e judeus). Separamos um dos discursos que demonstra como isso foi exposto por ele:

Vemos que em todas as coisas a raça semítica parece-nos ser uma raça incompleta, por virtude da sua simplicidade. Essa raça - atrevo-me a usar a analogia - está para a família indo-europeia como um esboço a lápis está para uma pintura; ela carece da variedade, da amplitude e da abundância de vida que é a condição da perfectibilidade. Como aqueles indivíduos que têm tão pouca fecundidade que, após uma infância graciosa, atingem apenas a mais medíocre virilidade, as nações semíticas passaram pelo seu mais pleno florescimento na sua primeira idade, e nunca foram capazes de alcançar a verdadeira maturidade. (Said, 2007, p. 44)

Montar uma imagem baseada no preconceito racial e etnocêntrico sobre o islã foi uma importante manobra dos autores orientalistas dentro deste grande projeto Ocidental de categorização do oriente. Certos 300 autores como foram tão longe que afirmaram, por exemplo, que Maomé foi simplesmente um instrumento político e dotado de nenhuma espiritualidade e sem nenhuma força religiosa.

Said demonstra como foi produzida uma espécie de demonização do islã pelas nações ocidentais. No entanto ele não nega a existência do terrorismo. Ele apenas demonstra que o ocidente, liderado pela América, cria a ideia de que islâmicos somente existem para matar americanos. A partir dessa formulação racista passamos a generalizar e categorizar milhões de muçulmanos como fanáticos terroristas. A reformulação do conceito da *Jihad* islâmica adequado aos interesses americanos foi um passo importante desta nova etapa do Orientalismo liderado pelos EUA. A

popularização do “projeto mulçumano de destruição da América” chegou a todo o mundo ocidental através da mídia, gerando em nosso meio social um conceito errado sobre a religião islâmica. Um islã inimigo e altamente violento. O islã virou, desse modo, um sinônimo do terrorismo.

2. OCIDENTE X ORIENTE

Said argumenta que a construção do oriente deve ser entendida e analisada como uma criação da própria cultura oriental. O oriente tem uma história. Não está pura e simplesmente ali para ser objeto de estudo ocidental. É uma realidade e deve ser entendida como tal. Traduzimos essa crítica nesta seção do nosso artigo.

Ao iniciar o estudo sobre a relação devemos primeiramente entender que os parâmetros que desenham a cultura oriental são diferentes dos moldes ocidentais. Não podemos, por exemplo, acreditar que iluminismo e democracia são moldes presentes em todas as culturas. Partir destes princípios (ocidentais) em uma análise de uma cultura oriental é cair no erro histórico dos pensadores orientalistas (SAID, 2007).

De um lado temos o Ocidente, inserido num período de rápido desenvolvimento das ciências. Este tratou de incluir a desconhecida cultura oriental na sua lista de objetos de estudo, e de investir na criação de um conhecimento

próprio através de uma interpretação particular acerca de uma maneira diferente de conceber o mundo: o Oriental. Do outro lado temos o Oriente, extremamente tradicional e inserido num período de legitimação e solidificação de uma sociedade teocrática, e que por esses moldes não percebeu a necessidade de investigar a cultura diferente para formar o seu aporte teórico próprio sobre o vizinho ocidental neste primeiro momento.

O grande abismo cultural entre essas civilizações possibilitou a construção de uma relação de dominação da cultura oriental pela cultura ocidental. O Orientalismo denunciado por Said é apenas umas das facetas em que essa dominação ocorreu; a faceta científica que **301** conheceu, interpretou e estereotipou o Oriente, estereótipo este que assumiu e assume ainda hoje o papel da própria cultura oriental na formulação da ação ocidental dentro do oriente.

O processo inverso, entendemos, não ocorreu da mesma maneira. O número de publicações a respeito da outra sociedade é infinitamente maior nas sociedades ocidentais. Sociedades islâmicas não responderiam da mesma forma pois são dotadas de outra visão de mundo. Sendo assim, acreditamos que é neste momento que começam os islâmicos a lançar mão de um pensamento reativo sobre a cultura democrática. Em algum momento da história deveríamos esperar uma reação à esta colonização cultural e territorial sobre o Oriente Médio. É neste processo de reação que está

inserida a criação do Estado Islâmico. No entanto, não podemos seguir a linha de raciocínio sem antes traçarmos considerações acerca desta religião, cuja formação precede o contato entre os dois mundos.

3. O ISLÃ NÃO É VIOLENTO

Historicamente o islamismo iniciou na Pérsia e Síria, crescendo posteriormente no Egito, Turquia, Magrebe Africano, e em sua última grande expansão, Espanha, Sicília e Partes da França, Índia, Indonésia e China. Estendia-se então “[...]dos confins da Tartária e Índia até as praias do Oceano Atlântico”, nas palavras de Edward Gibbon em *History of The Decline and Fall of the Roman Empire* em 1776

Uma expansão tão expressiva como essa, entre os anos 632 e 732, de uma cultura completamente diferente da cultura ocidental, com razão, provocou medo ao mundo cristão. E desde este momento a expansão islâmica passou a representar, para o mundo cristão, a devastação e o terror do mundo ocidental. É neste momento os orientalistas passaram a reinventar o conceito de oriente baseado em um novo método científico puramente Europeu, através de seus moldes racionalistas e secularistas, se afastando de toda a originalidade oriental. (SAID, 2007)

Biblicamente a origem dessas religiões, começa junto com a história de Abraão, pois dele nasceram Isaque e Ismael, estando no último a origem do islã, e no primeiro, a origem do

cristianismo. Durante a vida de Ismael, existe uma narrativa em que sua mãe fala com um anjo de Deus, ao ir embora da casa de Abraão para o deserto, e este anjo faz uma promessa a ela. Veja como a bíblia cristã relata esta promessa:

“E ouviu Deus a voz do menino, e bradou o anjo de Deus a Agar desde os céus, e disse-lhe: Que tens, Agar? Não temas, porque Deus ouviu a voz do menino desde o lugar onde está. Ergue-te, levanta o menino e pega-lhe pela mão, porque dele farei uma grande nação.” (Gênesis 21:17-18).

O lugar onde essa promessa ocorreu é conhecido atualmente como Meca, e é nesse local e momento que se iniciam as tradições islâmicas. A história da religião islâmica nos conta que o último profeta islâmico, *Mohamed ou Maomé*, foi precedido por Jesus, Moisés, Davi, Jacó, Ismael e Abraão. 302

Sobre o crescimento e expansão do islã, devemos tomar nota de alguns pontos. Após a morte do profeta Maomé, três foram os impérios que deram continuidade às diferentes vertentes do islã. O primeiro foi o Império Otomano, que se expandiu pelas áreas correspondentes atualmente ao Iraque, Síria e Norte da África, e que fazem uma interpretação sunita e radical do Alcorão; o segundo foi o Império Safávida, correspondente ao atual Irã, de interpretação Xiita, e; o terceiro foi Império Mongol, correspondente ao território da Índia, apresentando a vertente mais tolerante do islã, pregando um racionalismo filosófico. (ARMSTRONG, 2009).

Atualmente o islamismo é a religião que mais cresce no mundo. Segundo dados estatísticos demonstrados no Estudo sobre os países do Mundo Árabe, Islamismo e Emirados Árabes Unidos feito por Mauro Friedrich, o número de muçulmanos já é maior que número de católicos, desde 1997. Atualmente a área com maior expansão da cultura islâmica é o norte da África.

O Islamismo é uma religião que abrange uma em cada quatro pessoas do mundo. Os dados mais atuais sobre esta estimativa são os da *Pew Research Centre's no Forum on Religion and Public Life*, agência localizada nos EUA que fornece informações sobre questões, atitudes e tendências que estão moldando o mundo.

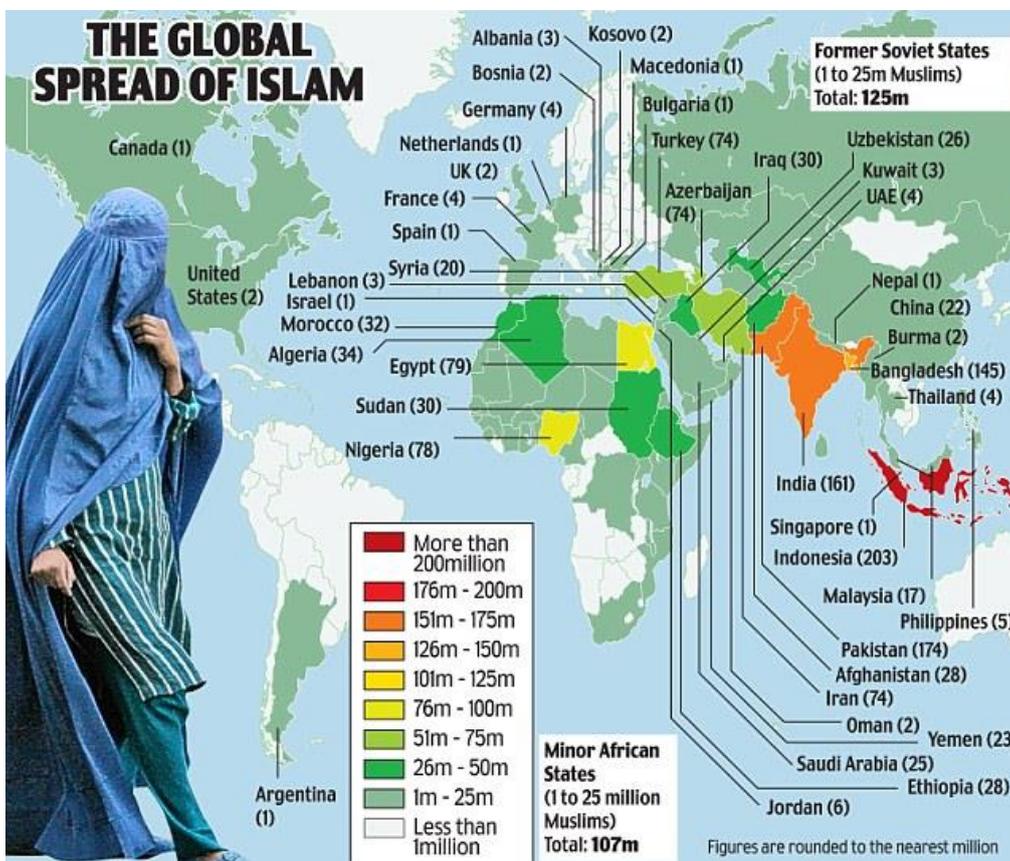


FIGURA 1: PEW RESEARCH CENTER, 2007.

Esse relatório nos mostra algumas novidades sobre a distribuição desta religião. O primeiro deles é a grande quantidade de muçulmanos que vivem na Alemanha, superando

países tradicionalmente islâmicos, como Líbano. O fato se repete com a quantidade de muçulmanos na China e Rússia, superando países como Síria e Jordânia.

Este fato afasta a noção clássica e errada de que todo muçumano é árabe ou de que todo árabe é muçumano. Uma noção errônea muito cometida no meio acadêmico e que precisa ser diferenciada. Árabes são os povos que habitam a península arábica, atual oriente médio e África setentrional. Muçumanos não estão restritos a um território, mas sim à religião que escolhem seguir, o islamismo. Essa noção nos remete às categorizações evidenciadas por Said em sua obra. Ainda segundo esta pesquisa, a Grã-Bretanha apresenta 1,6 milhões de muçumanos, e isso representa 2,7 por cento da população do Reino Unido.

Generalizamos a noção de quem são os orientais sem fazer distinção, quando, na verdade, existe uma imensa variedade de desdobramentos culturais mesmo dentro da população muçumana. Historicamente essa diversidade cultural sempre foi ignorada pelos autores orientalistas e as noções de uma cultura oriental mística e única, diferente, inferior à cultura ocidental, sempre tiveram mais espaço na produção do conhecimento científico. Um ponto interessante é que a grande quantidade de muçumanos em países ocidentais revela que o indivíduo colonizado se já se vê preparado para viver na metrópole, para viver dentro da cultura ‘superior e imaginada’. Em muitos casos não existe, no entanto, integração para este indivíduo, gerando uma grave crise de identidade.

Essas sociedades orientais (colonizadas), por serem muito conservadoras em sua essência, acabaram por se fechar, naturalmente, a ideais como a liberdade de expressão. Os otomanos, por exemplo, são um grande. Por entenderem que todas as verdades já teriam sido reveladas ao profeta Maomé, acabavam por desencorajar o pensamento crítico individual e livre. Existiu neste período uma grande dificuldade de diálogo entre essa cultura e a cultura ocidental racionalista que se desenvolvia nos últimos 300 anos na Europa.

Mesmo sem este diálogo conseguimos identificar os cinco pilares do islã, que, curiosamente, apresentam grandes características comuns ao cristianismo europeu. São eles:

304

- 1) *Shahada*: esse pilar nos esclarece que não há divindade além de Deus. É repetido várias vezes nas sunas do alcorão sobre a existência de um único Deus e Maomé é o último mensageiro de Deus na terra;
- 2) *Salat*: este é um pilar dogmático que auxilia no contato contínuo e pessoal de um islâmico diretamente com Deus. É a regra que diz que o islâmico deve orar cinco vezes em horários específicos durante o dia;
- 3) *Zakat*: o zakat nos demonstra como a religião islâmica prega a pacificidade e amor ao próximo. Ele diz que o islâmico não pode ser mundano. Seus atos devem ser baseados, sempre que possível, na doação e auxílio a pobres e necessitados;

4) *Ramadan*: outro costume dogmático que representa a purificação do islâmico. Deve ser feito jejum no mês específico do *Ramadan*;

5) *Haajj*: este pilar remete o islâmico à vida de Maomé. Deve ser feita viagem de peregrinação à meca pelo menos uma vez na vida do islâmico, repetindo simbolicamente a mesma viagem que Maomé fez durante a sua vida.

Esses cinco pilares formam o caminho que o fiel islâmico deve seguir na sua jornada espiritual. Verificamos neste ponto que além de ser uma religião puramente monoteísta, o islã, da mesma forma que o cristianismo, prega a imitação da vida de seu profeta maior, Jesus e Maomé, em cada caso. Prega também a ajuda aos necessitados, traduzindo compaixão e amor ao próximo.

O islamismo, desde a sua origem, tem uma natureza de acolhimento a judeus e cristãos. Vejamos um trecho sobre isso, retirado do alcorão.

Não discuta com os seguidores de uma revelação mais antiga senão da maneira mais amável possível - a menos que sejam pessoas inclinadas a fazer mal - e diga: "Nós acreditamos no que nos foi concedido do alto, assim como no que lhes foi concedido; pois o nosso Deus e o seu Deus são um único e o mesmo, e é a Ele que (todos) nós nos submetemos (Alcorão, sura 29:46).

Devido a alguns escritos mais duros sobre essas religiões, essa natureza de acolhimento é um fato ignorado por uma parte da liderança islâmica. Essas partes, em alguns

períodos de tempo, geram correntes minoritárias que estabelecem uma subversão completa da mensagem corânica. Vivemos hoje num desses períodos (KAMEL, 2007).

Essa é a segunda maior religião mundial, perdendo apenas para o cristianismo. É inquestionável a expressão que ela vem tomando nas últimas décadas dentro dos centros de poder mundial. E mesmo com toda essa expressão, temos uma religião dividida e que apresenta um dos mais antigos conflitos internos por liderança de poder: conflito entre sunitas e xiitas.

Após a morte de Maomé houve uma divisão dentro do islã entre essas duas correntes, gerada por um conflito baseado na busca pela liderança do islã. A maioria dos islâmicos, estimado em 90% da comunidade, é Sunita. Palavra derivada de *sunna*, que se refere aos preceitos baseados nos ensinamentos de Maomé e defende que qualquer fiel poderia suceder o profeta, desde que houvesse consenso na comunidade islâmica. 305

A minoria da comunidade é xiita, que significa "partido de Ali". Eles defendem que o sucessor deveria ser Ali ibn Abi Talib, primo e genro de Maomé, casado com sua filha, Fátima. Em outras palavras, defendiam um ideal de hierarquia, uma linha sucessória. O mapa abaixo, publicado por Nicholas Nogueira, em 2014, nos mostra a divisão geográfica de cada uma das duas correntes.

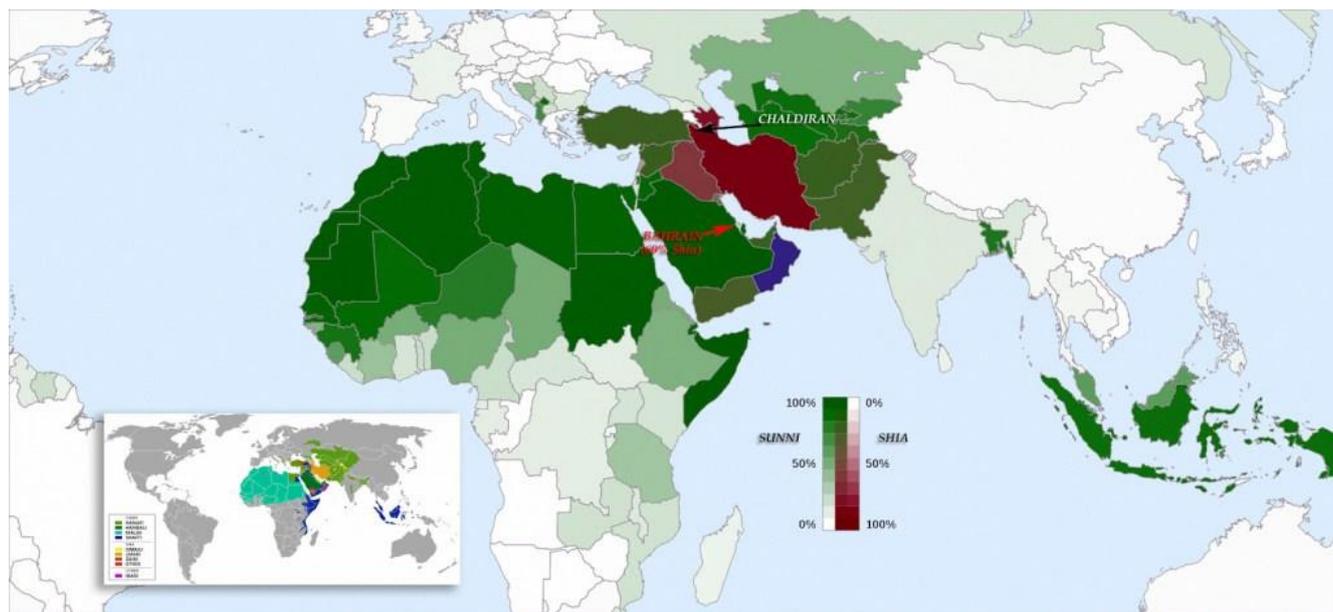


FIGURA 2: SUNITAS E XIITAS, 2014.

Verificamos que o polo de poder Xiita está baseado no Irã e Arábia Saudita, regiões muito ricas devido ao domínio do petróleo existente nessa região, enquanto a grande maioria sunita está distribuída pela África, Oriente Médio e Ásia.

A interpretação dos Sunitas sobre a morte do profeta explica que ele teve uma morte natural. Como as últimas orações de Maomé foram sucedidas por seu discípulo e amigo Abu Bacre na mesquita, essa corrente se apoia a ideia de que seus discípulos deveriam seguir liderando o islã.

A versão xiita, no entanto, narra um conflito ocorrido entre os dois discípulos na presença de Maomé. São eles discípulo Abu Bacre e discípulo Omar. Ocorre que diante do ocorrido Maomé, preocupado com o futuro da

religião devido ao conflito entre os dois, nomeou Ali Ibne, seu primo, para ser seu sucessor.

306

Após uma disputa política entre os seguidores das duas correntes os Sunitas ganharam o poder e elegeram Abu Bakr como primeiro sucessor e líder mundial da religião. Liderou a religião islâmica entre 632 a 634 dc. Omar Ibn al-Katthab foi o segundo sucessor, período de 634 a 644 dc. Um fato considerável sobre sua gestão foi a expressiva expansão do islã pela Arábia Saudita, Síria e Norte da África. Após a morte do 3º califa, Uthman ibn Affan (644 – 656) os Xiitas conseguem eleger o primo de Maomé como quarto califa.

Ali ibn Abi Talib (656 – 661) conseguiu assumir o poder, mas em conflito com governantes da Síria, centro de poder do islamismo no oriente médio e de corrente

tradicionalmente sunita, fez a troca da sede do governo islâmico para o Iraque.

A partir desse estado de divisão e conflito pela liderança do mundo islâmico entre essas duas correntes, muitas seitas e desdobramentos do islamismo foram aparecendo e tomando força, ganhando poder político. Somado a este cenário de divisão, temos um cenário mais amplo de crise de identidades. Ser mulçumano não é mais a mesma coisa para cada vertente. Algumas simplesmente não aceitam a introdução de elementos ocidentais em sua cultura, outras concordam, enquanto outras combatem. É nesse processo histórico que está inserida a origem do Estado Islâmico.

4. ESTADO ISLÂMICO

Atualmente o *ISIS* domina um território localizado entre Norte do Iraque e metade da Síria, organizado politicamente em ministérios, com regulação do comércio nas áreas sob seu domínio. Sua economia está fortemente baseada na produção de petróleo feita na maior central de petróleo da Síria, espaço dominado pelo grupo. São 12 refinarias correspondentes a 60% do petróleo produzido nesse país. Essa porcentagem rende cerca de US\$ 2 milhões por dia.

Iniciaremos a análise do grupo islâmico através de um texto retirado do livro de Sayyid Qtub, principal teórico da corrente.

“O islã não pode cumprir seu papel a não ser que tome uma forma concreta numa sociedade, ou melhor, numa nação. Pois o homem não dá ouvidos, principalmente nesta era, a teorias abstratas que não veja materializadas numa sociedade viva. A partir deste ponto de vista podemos dizer que a comunidade mulçumana se extinguiu há muitos séculos, pois esta comunidade não se refere ao nome duma terra onde o islã resida, nem a um povo cujos ancestrais viveram sob o sistema islâmico do passado. [...] Como será possível a tarefa de reavivar o islã? É necessário que haja uma vanguarda que se erga com essa determinação e que continue a percorrer o caminho, marchando através do vasto oceano da jahilyya, que domina o mundo todo.” (Sayyid Qtub, 1981)

Este relato, escrito por Sayyid Qtub, principal teórico e doutrinador da filosofia seguida pelo *ISIS*, nos revela os quatro pontos que viriam a ser as bases para o pensamento islamita contemporâneo, posto em prática inicialmente por Abu Bakr Al-Baghdadi^{vii} no califado islâmico^{viii} que se formou na Síria e Iraque.

Qtub nasceu em 1906 e se formou em educação no Cairo. No fim de 1940 foi mandado para estudar por 4 anos nos Estados Unidos da América, com objetivo de conhecer a cultura ocidental, seus métodos e pensamentos. Esse intercâmbio foi essencial para a formação do pensamento político deste autor em relação à cultura ocidental. Islâmico e *wahhabista*^{ix}, Sayyid demonstra em seu relato mais famoso a respeito da cultura ocidental, intitulado *A América que vi*, uma forte crítica ao materialismo, à promiscuidade sexual e ao racismo que presenciou na sua passagem pela civilização ocidental. Sua viagem ao ocidente é,

por ele, narrada como “viagem à beira da porta de entrada para o inferno”, e classifica a cultura ocidental como “perdida na ignorância da orientação de Deus”. (Qtub, 1951)

A principal novidade apresentada por este autor, demonstrada no início do seu discurso apresentado no início deste capítulo, está relacionada à criação de uma meta a ser perseguida pelas novas gerações de muçulmanos: a mundialização do islã. Para Sayyid Qtub, é função divina dos islâmicos sunitas a instauração de um califado islâmico para além do “oceano de *jahilyya* que domina o mundo todo”. Esse conceito da *jahilyya* é uma concepção que os islâmicos criaram do estado em que o mundo árabe se encontrava antes da revelação feita por Maomé no Alcorão. O significado literal é: ser ignorante e ser estúpido. As palavras de José Atento, em seu artigo intitulado *Lei islâmica em ação* nos esclarece o fato fundamental sobre a Jahiliyya:

O teórico sênior da Irmandade Muçulmana, Sayyid Qtub (1906-1966), explorou este significado mais amplo em seu trabalho. De acordo com Qtub, qualquer sociedade não muçulmana, ou sociedade secular muçulmana, qualifica-se como jahiliyya porque Alá não é soberano, sendo que as leis humanas substituem as leis da Sharia. Nas palavras de Qtub “o abismo entre o islã e a jahiliyya [o mundo não islâmico] é *grande*, e uma ponte não deve ser construída entre eles para que as pessoas dos dois lados possam se misturar umas com as outras, mas apenas para que as pessoas do lado da jahiliyya possam vir para o lado do islã” (Atento, 2015).

O ponto interessante que surge nesta teoria é de que o califado deve ser imposto inclusive sobre os irmãos muçulmanos xiitas que se recusam a seguir o *salafī*^x. Isso fica claro nas palavras de Qtub quando faz uma crítica ao momento histórico que vive essa religião nos dias atuais, já que, nas palavras dele, “esta comunidade não se refere ao nome duma terra onde o islã resida”.

Outro ponto interessante do discurso de Qtub, relacionado ao modo de operação pregado por sua doutrina e a redefinição proposta por este autor do conceito da *jihad* islâmica.

“É necessário que haja uma vanguarda que se erga com essa determinação”. Com essas palavras Sayyid registra sua interpretação do objetivo e do conceito da *Jihad*. Este conceito, desde sua origem no século II, é ambíguo. A primeira evidência do desenvolvimento deste conceito ocorreu no período de expansão islâmica e só foi alterado no século IX quando os domínios islâmicos já estavam bem estabelecidos. (Crons, 2005).

A partir do século IX a interpretação que se sobrepôs foi a de que o *jihad* é uma batalha espiritual, divindade em grade *jihad* e pequena *jihad*. A pequena *jihad* representa a luta material, em nome de Deus, de conquistar e manter a estrutura islâmica de poder, entendida pelos muçulmanos como o estado de bem-estar de todos. A *jihad* maior vem a ser a luta individual de cada islâmico contra tudo o que o afasta do caminho correto, o mesmo caminho de

Maomé. Durante o século XIX e XX, é enfatizado o caráter defensivo e espiritual do conceito de *jihad* “[...] tentando minimizar o seu componente ofensivo, reinterpretando a história para responder à acusação que o islã é uma religião que prega a violência e a intolerância”¹¹ (CHEREM, 2009).

Sayyid, no entanto, talvez por sua noção altamente antiocidental, faz renascer o componente violento da *jihad* transformando-a na principal ferramenta de expansão islâmica ao nível mundial. O encontro entre Sayyid e Hassan Al-Banna, fundador da Irmandade Muçumana em 1928, segundo principal teórico desta vertente, laçam as bases para a interpretação mais violenta já vista na história sobre a *jihad* islâmica. Se é possível pensar num momento em que o islamismo sunita radical se torna internacional, não estaríamos errados em dizer que foi a partir da formação desta irmandade. Criada no Egito, a irmandade se expande rapidamente para Síria, Líbano, Jordânia e Arábia. Al-Banna foi o professor mais ferrenho do Egito quanto a propagação da ideia da Jihad violenta e da união de todas as irmandades muçulmanas em um só califado. A origem do Estado Islâmico está ligada à esta rápida expansão da irmandade, que em 20 anos conseguiu milhões de afiliados.

Devido à reformulação do conceito de *Jihad*, grupos como o Estado Islâmico utilizam este conceito como uma ferramenta para a mundialização do islamismo. Somando isto as

inovações tecnológicas promovidas nesta nova era de comunicação transnacional e instantânea, verificamos em noticiários o potencial letal e a ameaça que a expansão do califado islâmico e de seus objetivos políticos vêm se tornando à comunidade global. Esse alcance continental cria uma polêmica a respeito dessa organização: eis o novo grupo radical islâmico internacional mais perigoso da atualidade.

“Ó filhos de al-Haramayn. A cabeça da serpente e a fortaleza da doença estão lá. Tirem suas espadas e digam adeus à vida, porque não deve haver segurança para Saloul [...] Anunciamos a vocês a expansão do Estado Islâmico a novos países, os países do Haramayn, Iêmen, Egito, Líbia, Argélia. [...] Ó soldados do Estado Islâmico [...] façam vulcões de jihad entrarem em erupção em toda parte. Ponham fogo no mundo contra todos os ditadores[...] Vemos a América e seus aliados cambaleantes de medo, fraqueza, impotência e fracasso” (Baghdadi, 2014).

309

Esse foi o discurso de Baghdadi, após a contraofensiva posta em prática pela Arábia Saudita na fronteira desse país com Iraque, contra o Estado Islâmico em 2014. Ele nos mostra algumas das características da visão do califado sobre como devem atingir o mundo ocidental.

Ele se refere, através de um termo depreciativo “cabeça da serpente e fortaleza da doença” para fazer referência ao poder e liderança saudita. A Arábia é um país xiita e por isso é considerado como parte da *jahilyyya* pelos radicais do Estado Islâmico. O termo *Haramayn* faz referência aos dois locais mais sagrados para

o islamismo, cidades de Meca e Medina. Ambos se encontram na Arábia Saudita.

Nesse discurso o líder do Estado Islâmico deixa claro que é de suma importância que os seguidores desta corrente estejam capazes de dar a vida pela na guerra contra a América e seus aliados, que, neste caso, são representados pelos irmãos xiitas da Arábia Saudita. Não existe, neste discurso, apelo ao *Zakat* islâmico nem em favor de seus próprios irmãos.

Outro ponto interessante é a interpretação da *jihad* islâmica, empregada novamente como uma ferramenta de expansão territorial e de domínios políticos. Identificamos uma conotação totalmente violenta nesta interpretação. Ela dá espaço para um modo de agir baseado em atos de terror e manipulação midiática. Seguiremos analisando alguns dos mais expressivos para compreender melhor como age esse grupo.

LOCAL	DATA	MÉTODO	VÍTIMAS
LÍBIA	15/02/2015	DECAPITAÇÃO COM TRANSMISSÃO PELA INTERNET	21 MORTES
FRANÇA	13/11/2015	ATAQUES COORDENADOS COM EXPLOSIVOS E METRALHADORAS	130 MORTES E OUTRAS 350 FERIDAS
LÍBANO	12/11/2015	HOMENS-BOMBA	43 MORTES

310

Verificamos então que a *Jihad* proposta por este grupo está baseada no uso da violência civil e divulgação massiva de seus atos nos meios de comunicação para atingir objetivos políticos. Essa interpretação da *jihad* islâmica se afasta da noção tradicional corânica sobre caminho da salvação. Não temos como

relacionar um livro sagrado baseado na *Shahada* e no *Zakat* a esse tipo de ação capaz de gerar tensões e guerras a nível mundial. Outra vez devemos fugir dos estereótipos acusados por Said em sua obra.

Para finalizar esta parte precisamos entender que essa ação, baseada na interpretação

radical da *jihād*, tem permitido o aumento dos domínios territoriais e políticos dessa organização, principalmente no oriente médio. A figura 4, retirada da página de internet do jornal Britânico Daily Mail nos resume algumas informações importantes sobre o domínio atual do califado, que está baseado no controle

geoestratégico do centro do Oriente Médio, Síria e Iraque, com um sistema de alianças com outros grupos radicais existentes desde o norte da África até a Turquia que permite uma atuação rápida em toda área que corresponde a pretensão inicial de criação do califado, ilustrada pela figura 5, retirada do mesmo jornal.



311

FIGURA 3: JORNAL BRITÂNICO DAILY MAIL

A grande pretensão do grupo Estado islâmico é criar um califado mundial de religião islâmica para preparar o mundo para o domínio do *Mahdi*^{xi}. Enquanto isto não ocorre, os radicais lutam com a pretensão de dominar o território que se estende da Península Ibérica e Magrebe africano até parte do território chinês, Mongólia e Rússia.

Toda essa extensão é denominada por alguns geopolíticos como “O Grande Oriente Médio”. O termo surgiu durante o governo de George W. Bush e, segundo Visentini (2014) é uma área que apresenta um grande vácuo de poder, rica em petróleo e gás, que não apresenta um bom desenvolvimento industrial e nem uma potência hegemônica. Ter o controle dessa área, a partir de uma visão geoestratégica mundial, é

ter possibilidade de poder e alcance de ação sobre qualquer área do globo terrestre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traçar as considerações finais é diferente de encerrar o tema. Debater sobre o islamismo, sobre sua natureza e seus preceitos é uma atividade que demanda um tempo e espaço que extrapola um pequeno artigo científico. No entanto, algumas considerações podem ser traçadas.

A formação destes grupos extremista está alocada no histórico processo de dominação cultural Ocidental posto em prática no Oriente Médio e Norte da África. O sentimento nacionalista e reacionário nutrido pela a invasão ocidental foi o ingrediente que necessitavam as vertentes mais violentas do extremismo islâmico para legitimar sua ação a nível global. O Estado Islâmico apresenta a atual versão dessa reação. Sayyid Qtub e Hassan al-Banna encontraram uma saída dentro de suas interpretações religião islâmica para uma possível retomada do poder de se auto governar e se afirmar como nação. É claro que não estamos aqui justificando qualquer tipo de violência, sobre maneira através dos métodos que este grupo vem utilizando na busca de seus objetivos. No entanto percebemos que resposta ocidental nessa guerra tem sido altamente vinculada aos preceitos orientalistas firmados nos últimos três séculos. Isso está longe de significar o fim de um conflito.

No lado mais ofensivo do conflito temos um grupo que apresenta uma interpretação altamente radical e violenta da religião islâmica, e que cria um novo método de atuação muito perigoso para a comunidade civil, sendo ela ocidental ou oriental, pois este método não escolhe seu alvo, nem se interessa pela identificação das vítimas atingidas. O único fator importante é que existe uma missão maior e mais respeitável que tudo e todos. Essa missão é a mundialização do islamismo *wahhabista* e, desse modo, a retomada do controle sobre si mesma por uma nação altamente estigmatizada. Do outro lado do conflito, atualmente mais reativo, temos o grupo que historicamente não se preocupou em compreender o mundo oriental e que dominou e subjuguou toda essa nação oriental durante séculos e que, dessa maneira, criou e cultivou o ódio sobre si mesmo em uma relevante parcela da sociedade islâmica.

Parece-nos uma encruzilhada sem solução. De fato, não temos a solução para este conflito. Nem é nosso objetivo neste artigo. Mas o que podemos afirmar é que já temos um ponto de partida. A luta religiosa que vemos hoje em dia não passa, na verdade, de um pretexto que a frente ocidental mantenha seu projeto orientalista sob o oriente. A política intervencionista americana e francesa e de seus aliados de “Guerra ao Terror”, vindo a ser a moderna faceta do orientalismo, só promoveu o aumento da guerra e de mortes. Percebemos que a intensificação da repressão direta ao Estado

Islâmico não fortalece a nenhum lado, mas aumenta a propagando midiática reacionário do grupo, gerando um crescimento exponencial de adeptos por todo o globo. É necessário, portanto, que a parte ocidental reavalie e abandone seu projeto Orientalista. Talvez assim haja uma oportunidade de negociação diplomática.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo.** Editora Companhia das Letras, 2009.

BERGER, Peter. **A dessecularização do mundo: uma visão global.** *Religião e sociedade* 21.1 (2001): p. 9-24.

CHEREM, Youssef. **Jihad: duas interpretações contemporâneas de um conceito polissêmico.** *CAMPOS-Revista de Antropologia Social*, v. 10, n. 2, 2009.

CRONS, Patrícia. **God's Rule: Six Centuries of Muslim Political Thought**, 2005.

DURKHEIM, Emile; SWAIN, Joseph Ward. **The elementary forms of the religious life.** Courier Corporation, 2008.

El Hayek, Samir. "**Alcorão sagrado.**" (2004).

GIBBON, Edward. **The history of the decline and fall of the Roman Empire.** T. Cadell, 1831.

KAMEL, Ali. **Sobre o Islã: a afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo.** Editora Nova Fronteira, 2007

NYE, Joseph S. **Soft Power.** New York, Estados Unidos: Public Affairs, 2004.

QTUB, Sayyid. **Ma'alim fi'l-Tarique.** Amã, Jordânia. Maktabat AL-Aqsa, 1981. p 15.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Editora Companhia das Letras, 2007.

VISACRO, Alessandro. **Guerra irregular. Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**, v. 1, 2009.

VISENTINI, Paulo. **GEOPOLITICS AND INTERNATIONAL SECURITY.** Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations, v. 3, n. 6.

NOTAS

ⁱ Graduado em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

ⁱⁱ Professor da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), em Macapá, Brasil, do curso de graduação em Relações Internacionais. Professor do Mestrado Profissional em Ensino de História UNIFAP. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Membro do Núcleo de Estudos de Religião, Economia e Política (NEREP-UFSCAR/CNPq). Pesquisador do Observatório em Direitos Humanos da Amazônia (OBADH-UNIFAP/CNPq). Líder do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES-UNIFAP/CNPq). Contato: marcosvinicius5@yahoo.com.br

ⁱⁱⁱ Segundo Joseph Nye (2004) o *Soft Power* engloba um conjunto de ferramentas de poder que os Estados detém, através das quais são atingidos alvos de forma indireta, transnacional e não imediata. A esfera de poder destas ferramentas é caracterizada por englobar aspectos ideológicos, sociais e culturais, onde a religião está encaixada.

^{iv} Peter Berger, em seu artigo intitulado "A dessecularização do mundo" (2001) demonstra que o cenário religioso global atual está marcado pelo crescimento pelo crescimento de movimentos conservadores, tradicionalistas e ortodoxo como o crescimento do evangelismo nos EUA, o impulso

conservador na igreja católica na liderança de João Paulo II, o renascimento da Igreja Ortodoxa na Rússia, o crescente número de judeus em Israel, xintoísmo no Japão, a explosão islâmica em diversas partes do globo, entre outros. Esse crescente movimento da religião segue em direção aos centros políticos de poder dos Estados, evidenciando um processo inverso ao processo de secularização ocorrido a partir do século XIX.

^v Alessandro Visacro, em seu livro “Guerra Irregular” nos demonstra quais são esses elementos constitutivos de um ato de terror, e como esse ato se configura. Segundo este autor são cinco os elementos: 1) *Agente perpetrador*; 2) *Clandestinidade*; 3) *Violência Real ou presumida*; 4) *Alvos primários* e; 5) *Publicidade*.

^{vi} Um dos mais importantes críticos literários, intelectuais e ativistas palestinos. Seu livro ‘Orientalismo’ é considerado um dos textos fundadores dos estudos pós-colonialistas.

^{vii} Autointitulado Califa e monarca do Estado Islâmico, Abu Bakr Al-Baghdadi lidera a irmandade desde 2010 tentando se estabelecer como descendente direto do profeta Maomé, e é responsável por gerir operações do grupo em grande escala, influenciando ativistas por todo o mundo.

^{viii} Califado Islâmico é um território governado por um califa e que segue um conjunto de regras e princípios políticos e religiosos deixados por Maomé após sua morte em 632 dc

^{ix} Iniciada no século XIII, esta vertente pregava o retorno radical às origens do islã, característica chamada de Salafi. Os salafitas não aceitavam inovações na religião. Ideais como a punição física formam a base do salafismo. Ela se desenvolveu até o século XX, quando foi fundamental para que *IBN Saud* pudesse reunificar toda a Arábia Saudita, baseado nos ideais salafitas. O país saudita enriqueceu devido ao petróleo desta região e financiou em muitos países vizinhos a exportação das idéias wahhabistas. A adoração a um único Deus é o principal mandamento do islã. Somado a este existe o dogma de que Maomé foi o último profeta enviado por Deus. Por isso qualquer religião ou revelação que diga o contrário é convertida em pecado de adoração a outro deus, já que só existe um único Deus e sua mensagem já foi enviada. Dessa forma que projeto wahhabista de implantação do islã no mundo todo se torna um projeto totalitário e em 1928 que o Wahhabismo se torna realmente violento e se internacionaliza. Quando é criada a Irmandade mulçumana por Hassan Al-Banna (Kamel, 2007).

^x O salafismo é uma classificação que agrega uma pluralidade de correntes dentro do islamismo. Essa pluralidade apresenta uma origem comum, que consiste na intenção de restaurar os costumes tradicionais das três primeiras gerações do islamismo, consistindo, o seu método, numa análise literalista dos textos do Alcorão e não permitindo uma interpretação atual do islamismo.

^{xi} Segundo a doutrina islâmica, o filho de Deus ainda não retornou, mas retornará brevemente e governará a terra nos seus últimos dias. E antes dele, a terra será governada pelo *Mahdi* (ARMSTRONG, 2009). A doutrina do *Mahdi* deve ser considerada importante para nossas análises pois ela demonstra de onde nasce a emergência dos atos postos em prática pelo Estado Islâmico na atualidade. Essa doutrina islâmica explica que o *Mahdi* é o último rei que governará a terra. Esse rei é obrigatoriamente um mulçumano, descendente da linhagem de Maomé. Segundo a escatologia Islâmica, ele retornará de forma sobrenatural, quando o mundo estiver irremediavelmente corrompido, para erradicar toda a tirania e opressão e restaurar a paz.

Recebido em: 14/12/2017.

Aprovado em: 08/01/2018.

Publicado em: 30/01/2018.